

## Jornalismo engajado? A cobertura das greves pelo clima em veículos não hegemônicos do Brasil

Advocacy journalism?

The news coverage of climate strikes  
in non-hegemonic media in Brazil

Eloisa Beling Loose

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná e em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Porto Alegre, Brasil. E-mail: eloisa.beling@gmail.com

### Resumo:

Este artigo se propõe a analisar como as greves pelo clima foram cobertas por três meios jornalísticos brasileiros considerados não hegemônicos: Conexão Planeta, Envolverde e Colabora. O movimento global, desencadeado pela ativista Greta Thunberg em 2018, ganhou projeção no Brasil em 2019, mas foi impactado no ano seguinte em razão das restrições impostas pela pandemia de covid-19. A partir da Análise Crítica do Discurso, verifica-se como os veículos representaram a mobilização em prol do enfrentamento climático no pico da cobertura. Os resultados mostram que, apesar de um discurso engajado e a favor dos ativistas, a cobertura das greves pelo clima possui muitas semelhanças com aquilo que já foi identificado em meios jornalísticos hegemônicos no Brasil, predominando o enfoque internacional e o destaque para ativistas já conhecidos.

### Palavras-chave:

Greves pelo clima; mudanças climáticas; jornalismo não hegemônico; jornalismo engajado.

### Abstract:

This article aims to analyze how climate strikes were covered by three considered non-hegemonic Brazilian journalistic media: Conexão Planeta, Envolverde and Colabora. The global movement, triggered by activist Greta Thunberg in 2018, gained projection in Brazil in 2019, but was impacted the following year due to restrictions imposed by the covid-19 pandemic. From the Critical Discourse Analysis, it is verified how the vehicles represented the mobilization in favor of climate change combat at the peak of coverage. Despite engaged discourse in favor of activists, the results show that the coverage of climate strikes has many similarities with what has already been identified in hegemonic journalistic media in Brazil, with an international focus predominating and an emphasis on well-known activists.

### Keywords:

Climate strikes; climate change; non-hegemonic journalism; advocacy journalism.

## 1 Introdução

A ativista sueca Greta Thunberg desencadeou um movimento global: as greves pelo clima. Sua greve escolar, que começou em agosto de 2018, diante do Parlamento da Suécia, ganhou força e a tornou uma personalidade no âmbito da luta climática. Além de mobilizar jovens para a ação em prol do clima, foi inspiração para que adultos também protestassem, criando o movimento Fridays for Future. A partir da repercussão de suas ações, a luta climática ganhou visibilidade e foi se expandindo em diferentes ritmos (e formas) para outros países, inclusive o Brasil.

Este artigo tem como objetivo observar como os discursos relacionados às greves pelo clima foram construídos por veículos de comunicação brasileiros que são voltados para a temática ambiental e comprometidos com a sustentabilidade, não sendo caracterizados como meios hegemônicos (ou chamados tradicionais, de referência ou *mainstream*<sup>1</sup>). Destaca-se que são escassas as pesquisas na área ambiental sobre a modalidade de jornalismo não hegemônico, sendo a crise climática um tema ainda a ser explorado no campo da Comunicação, sobretudo em países não falantes de língua inglesa.

Esse recorte de análise parte da hipótese de que tais meios supostamente teriam maior liberdade editorial para apresentar discursos diferentes daqueles verificados, por meio de revisão de literatura, nos meios tradicionais. Assim, os veículos não hegemônicos, preocupados com a pauta ambiental, teriam um discurso mais afastado da objetividade e dos interesses político-econômicos dominantes da grande imprensa, comprometendo-se de forma mais engajada com o combate das mudanças climáticas. Ressalta-se que este estudo não tem caráter comparativo, embora traga articulações e contrapontos com os resultados de outras análises feitas a partir da cobertura climática realizada por veículos hegemônicos.

Os veículos analisados, Conexão Planeta<sup>2</sup>, Envolverde<sup>3</sup> e Colabora<sup>4</sup>, foram selecionados em razão do volume de notícias (mais de 20 conteúdos jornalísticos no

---

<sup>1</sup> Aqueles associados à objetividade, com ampla escala de alcance e influência na sociedade, e que tem como objetivo primeiro o lucro.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://conexaoplaneta.com.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://envolverde.com.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

momento da triagem inicial) publicadas sobre a crise climática, a partir de *O mapa do jornalismo independente*<sup>5</sup>, iniciativa da *Agência Pública* que reúne propostas jornalísticas que nasceram na rede, fruto de projetos coletivos e não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas.

O *corpus* deste estudo é formado por textos publicados nos já citados meios jornalísticos que apresentam como tópico principal as manifestações pró-clima no mês de setembro de 2019, quando houve um maior volume de notícias sobre o fato (pico de cobertura) no período de acompanhamento (que iniciou em janeiro de 2019 e terminou em dezembro de 2020<sup>6</sup>). Essa verificação ocorreu a partir da quantificação de todos os conteúdos realizada na análise contextual, associada à frequência dos textos e ao conjunto do *corpus*, uma das etapas metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD) adotada (CARVALHO, 2015). Tal movimento envolve um olhar comparativo-sincrônico e outro histórico-diacrônico, de modo a tecer relações entre o nível micro do texto e o macro do contexto<sup>7</sup>.

A ACD se propõe ser uma vertente de análise posicionada contra as injustiças sociais (RESENDE, 2019; VAN DIJK, 2005), sendo mobilizada aqui a partir de quatro categorias principais: I) os atores; II) os silenciamentos; III) a linguagem, gramática e retórica; e IV) as posições ideológicas. Resende e Ramalho (2019) apontam que a forma como os atores sociais são representados nos textos indica posicionamentos ideológicos e que isso pode ser feito tanto em termos de inclusão ou exclusão de atores no discurso, quanto na análise sobre quem está recebendo proeminência. Ainda se observa como as coisas são ditas e aquilo que não é dito (os silenciamentos), buscando identificar seus atravessamentos ideológicos.

Após uma breve seção para contextualizar as greves e o fenômeno Greta Thunberg, que acarretam essa cobertura, discute-se as diferenças e vínculos entre as duas modalidades de jornalismo que são trazidas aqui: a hegemônica e a não

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

<sup>6</sup> Tal período corresponde ao recorte temporal da pesquisa de doutorado da autora, que, dentre outros aspectos, analisou as greves pelo clima.

<sup>7</sup> A discussão das categorias acionadas na ACD realizada no *corpus*, assim como seu detalhamento teórico-metodológico, pode ser encontrada na tese *Jornalismo e mudanças climáticas desde o Sul: os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade*, defendida em 2021 pela autora deste texto (LOOSE, 2021).

hegemônica. Na sequência, expõe-se a análise realizada e, ao final, as considerações finais.

## 2 O fenômeno Greta e as greves pelo clima

Os discursos e as manifestações de Greta Thunberg, repletos de indignação, foram se alastrando mundo afora e hoje é difícil imaginar que alguém não saiba quem é a ativista indicada ao prêmio Nobel da Paz e detentora do título Pessoa do Ano de 2019, da revista Time. Personagem muito aguardada em eventos políticos internacionais, Greta fez suas palavras incisivas ecoarem para além das esferas decisórias, tornando-se um símbolo de engajamento político e esperança. Seus esforços também foram responsáveis pela ampliação da discussão climática no debate midiático e no engajamento cívico, sobretudo de jovens.

Entretanto, “[...] junto com o lado positivo de sua fama, muitas críticas e desinformação também circularam sobre a adolescente (a respeito de sua pouca idade e falta de maturidade, por ser portadora de Asperger ou mesmo por ser facilmente manipulável em razão de sua juventude)” (LOOSE; MORAES, 2020). Apesar das adjetivações que buscavam gerar demérito sobre a luta abraçada por Greta, as polêmicas ao seu redor geraram uma série de notícias, já que o campo jornalístico é regido também por aquilo que desperta interesse por ser controverso. Assim, a emergência climática deixou de ser o tópico principal das notícias para dar lugar às formas de ser e de se expressar da estudante, que confrontam figuras políticas não interessadas na questão climática, a exemplo de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos nessa época, e Jair Bolsonaro, presidente do Brasil.

Assinala-se que, mesmo dentro do ambientalismo, a projeção que a ativista alcançou demonstra ter desencadeado preocupação e maior aceitação de seu movimento no Norte Global, onde outros saberes e modos de vida, diferentes do pensamento eurocêntrico, são rechaçados. Miranda (2020, p. 26, tradução nossa) afirma que:

O fenômeno Greta se origina e tem recebido maior aceitação na Europa e na América do Norte, regiões do mundo cujos países impuseram e continuam a impor os efeitos das mudanças climáticas no Sul Global. As classes dominantes e os governos que seguem o discurso de Thunberg não pensam em espaços como a Amazônia, caso contrário teriam ouvido os

INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

milhares de lideranças indígenas que, muito antes de Greta, defenderam suas terras do extrativismo.

A ativista que ganhou reconhecimento global e é convidada para participar das cúpulas internacionais nasceu na Suécia, em uma realidade distante daqueles que deverão sofrer mais com os impactos acarretados pela crise climática. Contudo, Greta tem reforçado que as mudanças climáticas precisam ser enfrentadas por todos, partilhando os holofotes, quando possível, com outros ativistas e fazendo ressoar mensagens que cercam o campo da justiça ambiental – deixando claro que os efeitos serão sentidos de forma diferente. O fato é que, a imprensa, muitas vezes, enfatiza mais a mensageira do que a própria mensagem que ela deseja passar.

Um estudo a partir dos discursos de Greta disponíveis no YouTube revelou que o tom apocalíptico gera maior número de visualizações, mesmo que o número de pessoas que curtem o vídeo seja menor. Isso demonstra que o fenômeno Greta é fortemente vinculado às suas práticas discursivas, que são caracterizadas por Espejel Gómez e Hidalgo Toledo (2020, tradução nossa) da seguinte forma:

- 1) estão alinhadas às informações que o IPCC<sup>8</sup> vem atualizando e servem para amplificar seu discurso para o público jovem;
- 2) atuam como catalisadoras para despertar o interesse do público e fomentar o desejo da população de participar de ações de mitigação das mudanças climáticas;
- 3) convertem esses jovens em promotores da transição energética para energias renováveis, deixando para trás o uso de combustíveis fósseis e diminuindo o terreno para que lobistas influenciem a Administração Pública na aprovação de decisões favoráveis aos interesses dos magnatas, empresários, economistas, corretores, políticos, advogados; empresas de tecnologia, informática, imóveis, seguradoras; e todos aqueles que compõem a cadeia de valor desta nova indústria de energia verde. Greta Thunberg é uma peça-chave do *soft power* desta revolução energética.

---

<sup>8</sup> Sigla em inglês do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU).

Logo, em consonância com as alternativas propostas pelo Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) e pelas demais organizações internacionais que buscam conciliar o enfrentamento climático com a ordem social, política e econômica estabelecidas, Greta permite abrir espaço para uma economia verde pensada no Norte a partir das circunstâncias do Norte. Essa observação coincide com a localização dos números mais expressivos (absolutos e proporcionais) de participação na Greve Global do Clima. Torres, Jacobi e Leonel (2020) mostram que a articulação no Norte foi muito maior que no Sul: enquanto a Alemanha mobilizou cerca de 1,4 milhão de pessoas, no Brasil estima-se um envolvimento de 20 mil pessoas.

A mobilização liderada pela estudante Greta Thunberg se tornou um dos gatilhos da cobertura climática no ano de 2019, sendo setembro um mês considerado de alta atenção por conta da Greve Global pelo Clima, com manifestações entre os dias 20 e 27, e da participação de Greta na Cúpula do Clima da ONU, de 21 a 23 (LOOSE; MORAES, 2020). Contudo, como pontuam Torres, Jacobi e Leonel (2020), as demandas brasileiras eram amplas, passando pela questão do plástico, desmatamento na Amazônia e críticas ao governo na gestão ambiental, sendo que a justiça climática, comum nos protestos do Norte, não foi percebida.

O estudo de Loose e Moraes (2020) sobre a repercussão das greves pelo clima nos portais de notícias mais acessados do Brasil, G1 e UOL, mostra que a cobertura pouco articulou as ações globais com o âmbito local, sendo os textos oriundos de agências internacionais e voltadas predominantemente para o factual, com pouca ou nenhuma contextualização a respeito da crise climática. Os resultados também revelam que as mudanças climáticas não foram salientadas, sinalizando para uma discussão mais ampla na área ambiental e/ou centrada especialmente em Greta Thunberg.

Esse pico de atenção teve uma visibilidade muito maior, dentre os veículos analisados, no *site* Conexão Planeta. No geral, esse veículo cobriu os protestos climáticos de forma mais frequente, publicando, apenas em 2019, 43 notícias com foco na ativista e nos movimentos derivados de sua atuação (protestos de mães, pais e avós, por exemplo), sendo que Greta foi mencionada nos títulos 28 vezes nesse período. No mesmo ano, Colabora publicou seis notícias com foco nas greves, com citação do nome de Greta no título em duas delas, enquanto Envolverde publicou somente três matérias, mencionando Greta no título em uma delas.

Na seção da análise se avançará sobre as diferenças entre os meios analisados, mas antes aponta-se para as especificidades das modalidades jornalísticas, que serão retomadas nas considerações finais.

### **3 Diferenças ou vínculos entre as modalidades de jornalismo hegemônico e não hegemônico**

A maioria dos estudos realizados sobre comunicação climática centra-se nos veículos chamados *mainstream* ou hegemônicos, conduzidos em países ditos desenvolvidos, do Norte Global (GÜNAY; ISERI; ERSOY, 2019; THAKER; ZHAO; LEISEROWITZ, 2017). Como o intuito de compreender se uma modalidade diferente de jornalismo, não associada aos grandes grupos político-econômicos do Brasil e com vocação para uma prática engajada, traria uma abordagem singular do tema, elegeram-se veículos digitais, com estruturas menores e propostas orientadas para uma ampliação do cuidado ambiental.

Os veículos aqui estudados não são chamados de alternativos porque nem todos se colocam em oposição ao sistema, contestando outra versão dos fatos. Eles se aproximam por não terem o alcance, a estrutura e os vínculos com estruturas de poder que caracterizam os meios hegemônicos. De todo modo, é preciso pontuar que as duas modalidades apresentam vínculos. Tal afirmação é concordante com aquilo que aponta Kenix (2011) sobre a existência de muitos pontos convergentes entre essas práticas jornalísticas, mesmo que haja diferenças em relação às motivações individuais, práticas organizacionais, propriedade de mídia e influências ideológicas.

Cada modalidade de jornalismo interpreta e mobiliza os valores consolidados no campo jornalístico – como o compromisso com a verdade e a ideia de prestação de serviço público – de uma maneira, sob um viés ideológico próprio. Teoricamente, enquanto o hegemônico reveste-se da perspectiva da objetividade para soar neutro ou imparcial seu discurso sobre o mundo (porque sempre será posicionado), o não hegemônico costuma ter algum posicionamento, até contrapondo-se àquilo que é divulgado pelos meios dominantes (nesse caso, a ideia de meio alternativo é forte). Na prática, entretanto, tais posicionamentos são mais difusos e nem sempre a distinção é tão demarcada.

Becker (2009) enfatiza que, no decorrer da história da imprensa brasileira, o jornalismo alternativo constitui-se sempre como um jornalismo de oposição, contestando a suposta neutralidade e a objetividade advogadas pelo modelo norte-americano. A pesquisadora assinala que o jornalismo empresarial (associado ao hegemônico) sempre esteve atrelado aos governantes, recebendo benefícios, ao invés de defender a democracia, a liberdade e a verdade. A objetividade, nesse caso, foi subjugada em prol de interesses particulares.

A fim de garantir a pluralidade democrática, reconhecida pelo campo jornalístico como um de seus principais papéis sociais, mais do que dar voz sob o olhar dos meios hegemônicos, é preciso, como alega o jornalismo não hegemônico, permitir que diversos grupos sociais, sobretudo os que são marginalizados ou esquecidos pela mídia tradicional, tenham seus próprios meios de comunicação. Esta perspectiva é semelhante à defendida pelo jornalismo ambiental, que busca pluralizar a cobertura do tema e compromete-se com a real sustentabilidade da vida, assumindo ser um jornalismo engajado (GIRARDI *et al.*, 2012; FROME, 2008). É possível dizer que essa prática não é hegemônica, mas aproveita as brechas do sistema dominante para também dele fazer parte.

As duas modalidades de jornalismo, neste texto chamadas de hegemônica e não hegemônica, são forjadas a partir de pontos comuns ao campo jornalístico (COLODETI, 2016; KENIX, 2011). Os valores comuns do campo são incorporados conforme as posições ideológicas de cada modalidade. A polarização percebida entre elas revela a disputa de poder existente dentro do campo jornalístico por agentes-jornalistas situados em posições diferentes e, portanto, com perspectivas de mundo também divergentes, mas não necessariamente opostas.

Bossato Fernandes (2019) destaca que os meios que não são hegemônicos buscam reafirmar os princípios e os valores do jornalismo hegemônico para garantir um *status* de profissionalismo. Simultaneamente, atuam para se distinguir e fomentar uma outra identidade, vinculada à denúncia das injustiças sociais. Dessa forma, conteúdos ditos *mainstream* são replicados pelos grupos não hegemônicos, afinal os critérios de noticiabilidade e outras orientações são partilhadas pelas modalidades.



#### 4 Análise dos discursos jornalísticos sobre as greves do clima

As descrições dos meios jornalísticos apresentadas em seus próprios sites apontam que possuem um compromisso com a expansão da consciência ambiental, embora nem todos revelem o mesmo grau de engajamento ou contestação. Colabora e Conexão Planeta assumem um ativismo pró-ambiente, mas Envolverde se mostra mais próximo do discurso supostamente neutro/objetivo, inclusive endossando discursos econômicos sem crítica.

Sustentada pela Análise Crítica do Discurso (ACD), que tem caráter interdisciplinar e posicionado, analisa-se a cobertura das greves pelo clima observando quem ganha voz e é representado nas notícias (a partir das categorias dos atores e dos silenciamentos), assim como as formas de dizer (linguagem, gramática e retórica) que aparecem nos três veículos. Tais categorias são transpassadas por posições ideológicas que contribuem para a interpretação crítica dos discursos jornalísticos sobre as greves pelo clima.

A fim de conseguir fazer alguma comparação entre os três veículos escolhidos, optou-se por uma análise mais detalhada do mês de setembro, que concentra o maior número de notícias sobre as greves nos veículos que menos cobriram o assunto em 2019, Envolverde e Colabora. Abaixo listam-se quais foram as notícias que compuseram esse *corpus*:

Quadro 1 - Notícias que compuseram o *corpus*

<b>Título da publicação</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Local de publicação</b>
Onda global pelo clima chega ao Brasil	18 set. 2019	Colabora
Crise climática: crianças denunciam Brasil, França e Alemanha	24 set. 2019	Colabora
Greta Thunberg leva centenas de jovens para protestar pelo clima em frente à Casa Branca	13 set. 2019	Conexão Planeta
“Vocês não estão tentando o suficiente”, diz Greta Thunberg a senadores do Congresso dos Estados Unidos	18 set. 2019	Conexão Planeta
“Vocês precisam fazer o impossível. Porque desistir não pode ser nunca uma opção”, diz Greta Thunberg ao Congresso dos EUA	20 set. 2019	Conexão Planeta
“Vocês roubaram nossos sonhos e infância com suas palavras vazias”, diz Greta Thunberg, na ONU, em discurso emocionado	23 set. 2019	Conexão Planeta
Grupo de jovens, entre eles, Greta Thunberg e ativista brasileira, denunciam Brasil e outros países na ONU	24 set. 2019	Conexão Planeta
Por que Greta Thunberg incomoda tanta gente?	27 set. 2019	Conexão Planeta

Greta Thunberg está na lista da Time das 15 mulheres que lideram a luta contra as mudanças climáticas	30 set. 2019	Conexão Planeta
O cerco ambiental das crianças	25 set. 2019	Envolverde
Mobilização Global pelo Clima fortalece que não existe “Plano B” para o planeta	25 set. 2019	Envolverde

Fonte: Compilação feita pela autora a partir dos textos coletados.

O Colabora publicou uma matéria no dia 18 de setembro de 2019 para divulgar a Greve Global pelo Clima do dia 20 de setembro, explicando como se dá a organização do movimento, a programação prevista no Rio de Janeiro (local onde estavam os entrevistados) e a ressalva das dificuldades de mobilização no Brasil. O texto dá espaço para jovens que estão à frente do Fridays for Future e ao diretor-substituto da 350.org na América Latina, instituição apoiadora da manifestação, dando destaque para a situação brasileira dentro desse movimento global:

*No Brasil, essa onda jovem demorou um pouco mas chegou: há manifestações pelo clima, quase sempre organizadas por jovens em mais de 40 cidades brasileiras de pelo menos 20 estados. “A gente ainda tem pouca visibilidade, mas o movimento está crescendo”, comenta o ativista Henrique Kovaliauskas, 24 anos, estudante do mestrado de Física e professor. [...] Apesar das diferenças de organização, a mensagem dos atos Fridays For Future por toda a parte é a mesma: exigir das autoridades – políticos, empresários, tomadores de decisões – que tratem emergência climática pela crise que ela é; que garantam o cumprimento do Acordo de Paris; que interrompam investimentos e subsídios a combustíveis fósseis; que implementem medidas para a adaptação das mudanças climáticas já em curso; e que assumam um compromisso de longo prazo com educação e justiça ambientais. Talvez seja mais difícil para os jovens ativistas serem ouvidos pelo governo brasileiro, mas, com a Amazônia em chamas, e o mundo preocupado com o Brasil, eles talvez consigam chamar mais atenção para seu movimento (COLABORA, 2019).*

A publicação é perpassada por marcadores que evidenciam que no Brasil até mesmo a mobilização da sociedade civil está sendo mais lenta e faz uma crítica ao governo, que não reage ao tema ambiental, mesmo com as evidências científicas de que as queimadas na Amazônia aumentaram. O tom da notícia é bastante informativo, com uma demonstração sutil de descontentamento com a postura do governo apenas no final, já que a questão central é anunciar que as greves pelo clima chegaram no Brasil.

Outra notícia do site Colabora, publicada no dia 24 de setembro de 2019, segue na mesma linha, informando sobre o envio de uma carta-denúncia contra Brasil, Argentina, França, Alemanha e Turquia ao Comitê sobre os Direitos das Crianças da

ONU e explicando o protocolo que permite essa ação. O nome de Greta é mencionado – afinal ela é uma das crianças que assina o documento –, mas as fontes são a estudante baiana Catarina Lorenzo, 12 anos, integrante das Crianças contra a Crise Climática, e o advogado Caio Borges, do Instituto Clima e Sociedade (ICS). Por meio da justificativa apresentada na carta fica o registro da crítica à inação:

Sobre o Brasil especificamente, *a petição alega que o atual governo está “ativamente desmantelando a regulamentação e fiscalização ambiental”*. Os jovens ativistas citam os cortes drásticos no orçamento do MMA, as tentativas 148 de mudanças do Código Florestal, as mudanças na composição dos colegiados. Afirmam que o país dobrou os subsídios a combustíveis fósseis desde 2007 e que 66% dos investimentos em energia são para não renováveis, sendo apenas 21% para renováveis. *Frisam que o aumento das queimadas da Amazônia tem efeito planetário* (COLABORA, 2019).

Desta forma, verifica-se que, mesmo de forma mais contida, Colabora traz um texto crítico ao contexto nacional, dando ênfase às queimadas da Amazônia. Ou seja, as ações pró-enfrentamento da crise do clima são articuladas à realidade brasileira.

Já Conexão Planeta investe na popularidade de Greta e na força de seus discursos para convocar mais leitores à ação. No dia 13 de setembro de 2019, motivada por um *tweet* da sueca, a notícia com posicionamento explícito da jornalista busca apresentá-la ao público, com recursos coloquiais e em tom provocativo: “Se você ainda é uma das pouquíssimas pessoas do planeta que não sabe quem ela é, vamos lá.” Depois disso, a jornalista demonstra ser fã da jovem sueca e confia: “[...] apesar do chamado discreto pelo Twitter, centenas de jovens se juntaram a ela próximo à Casa Branca, na capital americana. *E como eu poderia perder esta chance? Já escrevi diversas matérias sobre Greta e queria ver de perto o poder inspirador dessa jovem*”. Mais adiante, declara-se comprometida com o jornalismo ambiental: “Aqui preciso fazer uma pausa. Tenho dois filhos – um de 12 e outro de 15 anos – e já escrevo há anos sobre sustentabilidade, meio ambiente e aquecimento global. *Para mim, o jornalismo ambiental é mais do que uma profissão, é uma causa que também defendo*”. A asserção confirma um discurso ativista e alinhado com a pauta ambiental, sobretudo porque essa jornalista é responsável pela maioria dos textos analisados nesse veículo.

A narrativa intimista que utiliza para informar sobre a manifestação e expor suas impressões pessoais sobre Greta é transpassada por uma retórica de que uma transformação é possível:

*É impressionante parar para pensar que uma menina de apenas 16 anos conseguiu engajar – e conquistar a admiração –, de tantos jovens ao redor do mundo, com um discurso muito direto: “Se os políticos tivessem feito sua lição de casa, saberiam que não temos outra escolha. Precisamos focar nas mudanças climáticas [...]. A ativista mostrou ao mundo que os jovens não vão ficar parados diante do que está acontecendo. “As pessoas não têm que ouvir o que estamos dizendo, mas precisam ouvir a Ciência”, alerta. Greta estará em Nova York, junto aos estudantes, e depois discursará no Encontro sobre o Clima das Nações Unidas. Não há dúvida nenhuma que a adolescente também arrebatará uma onda de jovens para as ruas daquela cidade, pois por onde passa, conquista mais e mais seguidores (CONEXÃO PLANETA, 2019).*

Nos dias 18 e 20 de setembro de 2019 foram publicadas notícias com as mensagens repetidas pela ativista: “‘Vocês não estão tentando o suficiente’, diz Greta Thunberg a senadores do Congresso dos Estados Unidos” e “‘Vocês precisam fazer o impossível. Porque desistir não pode ser nunca uma opção’, diz Greta Thunberg ao Congresso dos EUA”. Tais matérias de Conexão Planeta são baseadas nas falas públicas da ativista e apresentadas como corajosas e encorajadoras: “Definitivamente Greta Thunberg não tem medo de falar a verdade. Nem se intimida diante dos ‘poderosos’. Enquanto a primeira notícia contextualiza e recorta alguns trechos do discurso da sueca, a segunda apresenta uma introdução repleta de elogios e disponibiliza a fala de Greta na íntegra.

No dia 23 de setembro de 2019, os apelos de Greta ganham novo destaque: “‘Vocês roubaram nossa infância e sonhos com suas palavras vazias’, diz Greta Thunberg, na ONU, em discurso emocionado”. A notícia inclui uma breve introdução, na qual se engrandece o fato de a garota expor as verdades desagradáveis aos tomadores de decisão, e segue com trechos do seu discurso para a Cúpula do Clima das Nações Unidas. A repórter não está lá, mas faz uso de informações da CNN e do The Guardian.

Já no dia 24 de setembro de 2019, Conexão Planeta também noticia a carta-denúncia das crianças contra a inação no enfrentamento às mudanças climáticas de Brasil, França, Argentina, Turquia e Alemanha. A brasileira Catarina Lorenzo é citada, mas a matéria é construída a partir do texto da petição e daquilo que explica o advogado Caio Borges:

*A denúncia pede que o Comitê da ONU declare que as mudanças climáticas constituem uma crise para os direitos das crianças, que os cinco países são responsáveis pela crise climática porque ignoram as evidências científicas sobre prevenção e mitigação e estão violando os direitos da*  
INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

criança (vida, saúde, cultura), além de *recomendar aos países que revejam e alterem suas políticas e leis e tenham uma maior cooperação internacional*. Por último, a denúncia *pede que as crianças e jovens sejam ouvidos*”, explica Caio Borges, advogado brasileiro que trabalha no Institute for Climate and Society (ICS) (CONEXÃO PLANETA, 2019).

Nesse texto há mais impessoalidade, sem inserções explícitas da jornalista. A medida chama atenção para os impactos climáticos na vida das crianças e mostra como elas também podem agir. Recordar-se que Bossato Fernandes (2019) identificou jornalistas como fontes nos discursos dos meios alternativos, sendo eles também portadores das causas e defensores dos mais vulneráveis ou oprimidos. Dentre os três veículos aqui analisados, são os textos de *Conexão Planeta* aqueles em que as jornalistas mais se posicionam, escancarando que desejam contar histórias inspiradoras para impulsionar a ação em prol do meio ambiente – e neste caso, do enfrentamento climático.

Depois, no dia 27 de setembro de 2019, um texto se dedica ao esclarecimento de algumas polêmicas envolvendo Greta. Poderia ser um texto de opinião da jornalista do site, mas não há essa distinção entre os conteúdos analisados. O título já transmite uma provocação: “Por que Greta Thunberg incomoda tanta gente?” e o *lead* resume uma série de discussões que envolvem seu nome, sempre com o intuito de desacreditá-la e enfraquecer seu movimento:

*Mimada. Manipulada. Riquinha. Marionete da esquerda. Financiada pela Open Society de George Soros*. Essas são algumas das acusações feitas contra Greta Thunberg nas mídias sociais. A última delas – *vergonhosa e mentirosa* –, foi postada no *Twitter*, ontem (26/09), por Eduardo Bolsonaro, *com uma montagem de imagens muito mal feita e grotesca. A verdade é que a jovem ativista sueca, de apenas 16 anos, anda incomodando muito gente, gerando a reação e comentários maldosos de haters nas redes e a elaboração das mais diversas teorias conspiratórias para explicar porque ela se tornou um mito* (CONEXÃO PLANETA, 2019).

Após sinalizar para os rótulos criados nas redes sociais, a repórter sai em defesa da ativista, afirmando que a acusação do filho do presidente brasileiro é “vergonhosa” e “mentirosa”. E mais: declara que Greta se tornou um mito. Ao tratar da síndrome de Asperger, colocada como algo depreciativo, a matéria ressalta: “[...] os psicólogos são categóricos em afirmar que o Asperger não possui nenhum problema cognitivo. Pelo contrário”. O texto avança para a propagação de informações falsas e faz remissão a pessoas importantes que já tentaram ofuscar o brilho de Greta. Mais uma vez, o discurso jornalístico de *Conexão Planeta* é construído em defesa da ativista:

INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

Eloisa Beling Loose. Jornalismo engajado?

A cobertura das greves pelo clima em veículos não hegemônicos do Brasil. p. 101-119.  
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2022.Vol27.N1.pp101-119

*Será que as pessoas não se dão conta que se houvesse algum “financiador secreto” por trás da ativista, a mídia internacional já não teria descoberto? Sério mesmo?! Será que os jornais mais respeitados do mundo, como The Guardian, The New York Times e Washington Post colocariam sua reputação em cheque ao respaldar o movimento iniciado pela jovem? Para aqueles que alegam que a adolescente tem um “problema”, Greta já afirmou diversas vezes que considera a síndrome como um “super poder”. [...] Seu discurso é direto. Franco. Honesto. Ela quer o comprometimento de governos em reduzir suas emissões de gases de efeito estufa. Não no futuro, mas agora. Porque se esperarmos mais tempo, será tarde demais (CONEXÃO PLANETA, 2019).*

A pouca idade é justificativa para que algumas pessoas compreendam que ela possa ser manipulada ou não tenha maturidade o suficiente para compreender que há outras questões em jogo quando se fala de crise climática. Entretanto, Conexão Planeta (2019) pondera: “Greta também incomoda muita gente porque tem a ‘audácia’ de ser uma jovem dizendo verdades para adultos. “Quem ela pensa que é”, dizem seus detratores”.

As notícias vinculadas a Greta são baseadas em seus textos e falas, não existindo preocupação com o equilíbrio informativo quando mencionam aqueles que criticam a ativista ou sua maneira de expor a causa climática. O veículo assume o lado da ativista, sempre evidenciando os méritos já alcançados por ela. Além disso, não economiza elogios e recorrentemente interpela, com gradações de entusiasmo, seus leitores para a ação.

A última matéria de Conexão Planeta, publicada em 30 de setembro de 2019, é sobre uma lista da revista Time com 15 mulheres que lideram a luta climática. Greta é uma delas – e provavelmente a mais conhecida. Por isso, aparece já no título da notícia, dedicada a trazer breves biografias de cada uma das indicadas.

Por fim, Envolverde traz suas duas publicações no dia 25 de setembro de 2019. A primeira é um texto assinado por Tasso Azevedo para uma coluna do jornal O Globo, que foi reproduzido na íntegra (inclusive por Conexão Planeta depois, em outubro). Embora o texto seja de opinião, em defesa do movimento, a publicação original foi feita em um meio hegemônico. O autor evoca sua condição de pai para fazer um apelo e reconstitui as perspectivas ambientais desde 2009, quando sua filha nasceu, até os dias atuais. Finaliza citando a filha e Greta, ampliando seu desejo para todas as crianças: “Para as empresas de hoje, não basta ser do bem. É preciso serem ativistas dos negócios. É o que minha filha diria. É isso que a Greta Thunberg e as crianças do

INTERIN, v. 27, n. 1, jan./jun. 2022. ISSN: 1980-5276.

Eloisa Beling Loose. Jornalismo engajado?

A cobertura das greves pelo clima em veículos não hegemônicos do Brasil. p. 101-119.  
DOI 10.35168/1980-5276.UTP.interin.2022.Vol27.N1.pp101-119

mundo estão gritando conosco. Esse é o legado para o qual vale a pena existir”. Esse é o único texto, dentre todos analisados, no qual há uma identificação de que o conteúdo não é notícia e nem é redigido por um jornalista.

A segunda notícia de Envolverde apresenta um panorama das greves pelo clima que aconteceram no dia 20 de setembro, mostrando a participação de mais de 4 milhões de pessoas em 185 países, inclusive em cidades brasileiras. O texto aciona estratégias de interpelação para buscar aproximar o leitor, imprime o olhar da jornalista sobre a expansão do engajamento e ressalta as vozes de outros ativistas:

*O que é possível identificar é que cada vez mais pessoas ingressam na mobilização pela causa climática, querendo obter informações qualificadas com quem já milita há anos na causa, unidas pelo sentido de urgência e emergência, que observam diante de fatos concretos que ocorrem com a intensificação dos eventos extremos e as análises e construções de cenários apresentados por cientistas. A conscientização de que é preciso atuar chegou ao nível global. O que acontece ainda hoje é que há uma forte pressão do interesse privado sobre as decisões governamentais, em especial da indústria fóssil. As empresas mais poderosas influenciam o processo da negociação nas conferências do clima [...] A tentativa é mudar a balança para pender ao interesse público. Esta é a complexidade em jogo. A sociedade precisa se dar conta das escolhas erradas feitas pelos líderes de governos quanto ao clima. As agendas já estão colocadas. Muito dessa mobilização hoje se deve à iniciativa da jovem Greta Thunberg. Uma oportunidade para que estes jovens saibam o papel que têm de encostar quem tem poder de decisão na parede, por meio das cobranças e atitudes proativas. (ENVOLVERDE, 2019).*

A reportagem traz depoimentos de diferentes ativistas que participaram da mobilização em São Paulo e outros dados gerais e nacionais. A tônica é apontar o envolvimento e a mobilização que já acontecem por aqui, no Brasil, a partir da onda iniciada por Thunberg. Não há divergências em relação à urgência do problema e à necessidade de seguir com as ações pró-clima.

É possível observar que Conexão Planeta se mantém no espectro mais próximo às características de um jornalismo não hegemônico, em razão de um posicionamento mais explícito e recorrente. Envolverde e Colabora também assumem posições (mas, com gradações diferentes) a favor do movimento e de sua idealizadora, Greta Thunberg. Os ativistas predominam enquanto atores dos discursos jornalísticos, com forte ênfase para aquilo que é dito por Greta, que já alcançou legitimidade e fama mundial. Há uma retórica calcada na inspiração e na mudança, ainda que os discursos

da protagonista desse período mobilizem pela dramaticidade e indignação, com muitas perguntas de retórica.

Conexão Planeta se destaca pelo volume de notícias publicadas, mas, no período em análise, fixou-se na repercussão de Greta Thunberg, com foco no contexto internacional, enquanto Colabora e Envolverde apresentaram poucas matérias, mas atreladas à realidade nacional. Dessa forma, a realidade do Sul Global, especialmente no que tange o cuidado com a Amazônia no Brasil, foi pouco explorada nesse recorte, existindo uma retórica da inspiração, com abrangência global, mas tímida em termos brasileiros – tanto que uma das notícias revela que as greves pelo clima demoraram para chegar aqui e crescem de forma lenta. Nesse momento destaca-se a promoção positiva dos ativistas e de suas ações, assim como as tentativas discursivas de fazer ressoar esse bom exemplo.

## 5 Considerações Finais

A análise desse mês de cobertura revelou que as greves pelo clima tiveram uma atenção jornalística pontual no Brasil, sendo impulsionadas, na maioria das vezes, pelas ações de Greta Thunberg em países do Norte Global. Todas as publicações de Conexão Planeta em setembro de 2019, o mês que mais se falou sobre as greves no período estudado (2019-2020), apresentavam o nome de Thunberg nos títulos.

Os discursos analisados revelaram pouca ênfase nas causas da crise climática, mesmo por veículos que cobrem o meio ambiente, declaram-se, de diferentes maneiras, engajados e podem ser caracterizados como não hegemônicos. O fato de o movimento não ter ganho a mesma dimensão que teve no Norte Global pode ser um indicativo da escassa cobertura nacional, assim como das várias outras pautas ambientais concorrentes nesse mesmo intervalo, muitas provocadas pelo desmonte de políticas públicas ambientais agravadas pelo atual governo.

Verificou-se que a ativista Greta Thunberg extrapola a cobertura dos protestos e que seus atos são reportados a partir de uma retórica da inspiração pelos veículos em análise, que possuem ênfases diferentes em relação a como defendem a causa. Identificou-se que há notícias que trazem vozes de ativistas não famosos, no caso da cobertura das greves pelo clima, mas em número reduzido. Pessoas sem fama ou



notoriedade (ou cidadãos comuns) quase nunca recebem espaço e, quando aparecem, são introduzidas como recursos de ilustrações, assim como já acontece na cobertura dos meios hegemônicos. O foco nas ações e falas de Greta mostraram-se predominantes nas duas modalidades de jornalismo – o jornalismo não hegemônico, ao reportar as greves pelo clima, fez uso das mesmas estratégias já registradas em estudos a partir dos meios tradicionais.

Outra observação diz respeito às demandas brasileiras colocadas nos protestos, que sublinham a necessidade de uma mudança urgente, mas questionam pouco as causas que nos trouxeram até aqui, como já observado em estudo de Loose e Moraes (2020) em portais de notícias hegemônicos. A factualidade, em ambas as modalidades, se sobrepõe (e até invisibiliza) às razões do que fez emergir a emergência climática.

Nota-se que os veículos não hegemônicos analisados se utilizam de materiais publicados em veículos hegemônicos e não se diferenciam tanto em relação às abordagens, sendo o principal elemento de distinção entre as modalidades as formas posicionadas de dizer os fatos. Colabora, Conexão Planeta e Envolverde, na semana das manifestações pela Greve Global do Clima, demonstraram fazer um jornalismo engajado, a favor dos ativistas e de sua luta climática, distante da ideia de objetividade ou neutralidade preconizada no jornalismo hegemônico. Tal postura está alinhada com o entendimento de jornalismo ambiental, que defende uma prática engajada.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Maria Lúcia. Mídia alternativa: antiempresarial, antiindustrial, anticapitalista? In: WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa: UEPG, p. 273-286, 2009.

BOSSATO FERNANDES, Kamila. **Informação e engajamento político: a produção de sentido no jornalismo alternativo audiovisual no Brasil, na Espanha e em Portugal**. Tese (Doutorado em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade) – Universidade do Minho, Portugal, 2019.

CARVALHO, Anabela. Discurso mediático e sociedade: repensar a Análise Crítica do Discurso. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**,

v. 9, p. 175-199, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/843>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

COLODETI, Elisângela. **Jornalismo alternativo para o século XXI: um estudo sobre os sites Agência Pública e Ponte**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ESPEJEL GÓMEZ, Lucía.; HIDALGO TOLEDO, Jorge Alberto. Discursos de Greta Thunberg: Análisis de contenido y su impacto en YouTube, **Sintaxis**, v. 1 (5), p. 46-61, 2020. Disponível em: <<https://revistas.anahuac.mx/sintaxis/article/view/403>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

FROME, Michael. **Green ink: Uma introdução ao Jornalismo Ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling; SCHWAAB, Reges. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação e Sociedade**, v. 34 (1), p.131-152, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GÜNAY, Defne; ISERI, Emre, ERSOY, Metin. Alternative Media and the Securitization of Climate Change in Turkey. **Alternatives: Global, Local, Political**, v. 43 (2), p. 96-114, jan. 2019. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0304375418820384>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

KENIX, Linda Jean. **Alternative and mainstream media: the converging spectrum**. Nova York: Bloomsbury Academic, 2011.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo e mudanças climáticas desde o Sul: os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Claudia Herte de. Repercussão das greves pelo clima e do efeito Greta na cobertura brasileira: análise das notícias publicadas em 2019 no G1 e UOL. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; RODRIGO-CANO, Daniel; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (org.). **Comunicación y Cambio Climático: Contribuciones Actuales**. 1ª ed. Sevilla: Ediciones Egregius, p. 65-86, 2020.

MIRANDA, Camila. Perspectivas desde el ecofeminismo frente al cambio climático y la Amazonía. **El outsider**, v. 5, p. 17-29, 2020. Disponível em: <<https://revistas.usfq.edu.ec/index.php/eloutsider/article/view/1568>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

RESENDE, Viviane M. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019.

RESENDE, Viviane M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

THAKER, Jagadish; ZHAO, Xiaoquan; LEISEROWITZ, Anthony. Media use and public perceptions of global warming in India. **Environmental Communication**, v. 11, p. 353–369 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17524032.2016.1269824?journalCode=renc20>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

TORRES, Pedro Henrique Campello; JACOBI, Pedro Roberto; LEONEL, Ana Lia. Nem leigos nem peritos: o semeador e as mudanças climáticas no Brasil. **Política e Sociedade**, 19 (44), p. 17-38, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2020v19n44p17>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

VAN DIJK, Teun. A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2005.

Recebido em: 29.09.2021

Aceito em: 16.12.2021